

O palimpsesto na arquitetura e no urbanismo pelotense

Marlise Sanchotene de Aguiar – PUCRS/CAPES

Resumo: O presente artigo é oriundo de uma proposta de dissertação que analisa o processo de transformação (reapropriação e resignificação) das antigas charqueadas em novas indústrias e as relações estabelecidas com o restante da malha urbana. Pretende-se resgatar o lugar - de valor simbólico e significado – e descobrir de que maneira o imaginário se expressou nos novos espaços que surgiram.

Palavras-Chave: charqueadas – lugar de memória - indústrias

Introdução: As cidades são elementos constitutivos da trama cultural e histórica, com seus fluxos e sua dinâmica em permanente ação, interação, transformação e reconstrução. As tensões que emergem são vivenciadas de forma fragmentada e diversificada por seus habitantes, o que contrasta com algumas representações nas quais a urbe apresenta-se como unidade.

Estas tensões vão surgindo como representações do espaço e são suportes de memórias (ou de esquecimentos) diferentes, contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento e cujos territórios condicionam múltiplas experiências pessoais e coletivas, sedimentadas em tempos variados. Nesse processo, a cidade aparece como construção problemática de algo a ser decifrada, contendo uma multiplicidade de histórias e memória.

Foram esses pontos que, ao serem transpostos à cidade de Pelotas, nortearam os questionamentos da pesquisa, uma vez que a riqueza de possibilidades e direções de análise torna o trabalho instigante, por levantar uma série de assuntos de fundamental importância não só para compreendermos o município, mas a região. A localização peculiar dos prédios foi o fator instigante e decisivo para a realização e delimitação desta investigação, uma vez que os demais estabelecimentos saladeiris que se localizam, por exemplo, no Arroio Pelotas, mantiveram suas atividades até fecharem-se.

Charque: Até os anos 90 do século XIX, Pelotas teve, na economia do charque, seu principal impulsionador econômico, social e político, tendo o monopólio dessa atividade no Rio Grande do Sul. O surgimento das charqueadas foi facilitado por condições como matéria prima e mão de obra escrava abundantes, demanda e facilidade de acesso aos mercados. A implantação, situação, localização e organização espacial do núcleo charqueador pelotense foram determinadas por inúmeras questões.¹ A distribuição dos espaços acompanhava a topografia, a vegetação, a geografia e a geomorfologia e adequava-se aos interesses econômicos, sociais e políticos. Enfim, os limites eram naturais e, portanto, não muito precisos. As medidas variavam com os caprichos da natureza e o sabor dos poderes. O Logradouro Público estava situado no centro do descampado que separava os arroios Santa Bárbara e Pelotas. A cidade implantou-se em um terreno plano, de mata pantanosa e linhas de areias. As fábricas fixaram-se nas várzeas alagadiças (superfícies constituídas de aluviões mal drenados) ricas em argila e matéria orgânica.²

Programa de necessidades: As charqueadas eram compostas de dois ou três terrenos intercalados por estradas. Junto ao Logradouro Público, localizava-se o potreiro dos fundos, depois o potreiro do meio e, por fim, o terreno da charqueada. O gado ia da comercialização de potreiro em potreiro até alcançar a mangueira de matança, onde era abatido. Daí ia para a cancha, onde terminava de ser morto, era esfolado e esartejado. Nos galpões, realizava-se a desossa, o charqueio, a salgação e as pilhas de carne e sal que aguardavam para serem colocadas nos varais. A linha de produção dos subprodutos do charque era composta pela graxeira, pelos tanques e pelas barracas para os couros. As charqueadas possuíam portos e os charqueadores, iates para o transporte dos produtos até o porto de Rio Grande, onde trocavam de embarcação para atingirem o mar.

No mesmo terreno da produção do charque, em algum galpão, junto a graxeira, a tafona, ou a qualquer outra das benfeitorias, localizava-se a senzala. Um pouco mais afastada, estava a casa do senhor; um pomar de espinhos, ou chácara, ficava próximo à morada, ou no potreiro do meio. Mais um estabelecimento de olaria completava o programa de necessidades das fábricas.

¹ GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas & olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2001, pg. 211.

² GUTIERREZ, Ester J. B. op. cit.: pg. 218.

As primeiras construções eram de pau-a-pique e tinham cobertura de capim. Os galpões das olarias eram construídos com esses materiais. Com a produção desses estabelecimentos, pisos, caminhos, circulações, tanques, canaletas de esgotos, paredes e coberturas passaram a ser feitos de elementos cerâmicos. O galpão de paredes de tijolos e cobertura em duas águas, de telhas de barro, foi o tipo de construção mais utilizado. É possível que a fabricação nas olarias e a construção civil tivessem sido uma produção alternativa à mão-de-obra escrava, nos períodos da entressafra do charque.³

Ambiente Construído: O entorno construído e o interior dos estabelecimentos, na visão dos viajantes do século XIX, constituiu-se num espaço macabro, fétido e pestilento. As águas serviam para despejar os dejetos, exportar os produtos, importar o sal e a mão-de-obra escrava. A zonificação (distribuição das áreas) e a composição física dos espaços charqueadores atendiam os interesses econômicos escravistas da coroa lusa, além de serem condicionadas ao meio ambiente natural.

A população servil habitava os terrenos ribeirinhos e circulava próximo às águas, transportando a carne salgada, submetida à exploração violenta de trabalho. O espaço fabril foi descrito como um ambiente mórbido, insalubre, que chegava a alcançar o macabro. Os vapores emanados das águas e detritos parados dissipavam pelos ares os cheiros nauseantes dos sangues putrefatos, dos excrementos apodrecidos, das vísceras decompostas pelo forte calor do sol. E as nuvens de fumaças, que saíam das fornalhas, exalavam o cheiro das gorduras fervidas e dos ossos carbonizados. Os urros dos animais abatidos e esfolados vivos e o som do ritmo do trabalho imposto pelos feitores nos escravos terminavam por compor o meio ambiente da produção charqueadora.⁴

Cidade: O casario da nova freguesia começou a crescer nas terras de Antônio dos Anjos, por conta de um acerto com o Padre Felício. Naquele ano, a medição e o desenho reticulado foram realizados pelo piloto Maurício Inácio da Silveira, que levou em conta, em seu traçado, as divisões dos terrenos fabris. Em 7 de novembro de 1827, o inventariante das terras do casal capitão Francisco Pires Cazado e Mariana Eufrásia, entregou os terrenos doados para servidão

³ GUTIERREZ, Ester J. B. op. cit.: pg. 220.

⁴ GUTIERREZ, Ester J. B. op. cit.: pg. 222.

do povo de Pelotas, obrigatórios para a instalação do segundo loteamento. As construções urbanas cresciam em direção ao canal de São Gonçalo.⁵

Indústria: Na década de 1910, Pelotas já promovia discussões e projetos para solucionar o problema de uma economia em decadência e iniciava seus primeiros ensaios rumo a outras atividades. Os ramos explorados eram variados (sabão e velas, fiação e tecidos, calçados etc) e as charqueadas que ainda produziam alimentavam de matérias-primas vários grandes curtumes, fábricas de preparação de couros e frigoríficos. Aos poucos, com a falência de algumas empresas, essas terras foram tendo os mais diferentes usos desde plantações até loteamentos para diversas rendas. Hoje existem grandes estruturas vazias das quais destacam-se o Frigorífico Anglo, o Laboratório Leivas Leite, a Cooperativa Sudeste de Carnes e o Engenho Pedro Osório (Imagem 01).



Imagem 01 Mapa margem esquerda Canal São Gonçalo Fonte: BPP. Mapa realizado com base nas medições judiciais e PMP/SeUrb.

Exemplares de Patrimônio Edificado: Os exemplares de patrimônio edificado foram selecionados de acordo com sua importância dentro do contexto. Cada um representa a exploração de um sistema de produção, ou seja, o Engenho Pedro Osório (Imagem 02) trabalhou a cultura do arroz enquanto que o Frigorífico Anglo (Imagem 03), a pecuária. Localizam-se em extremos opostos, facilitando assim a compreensão da delimitação do território e de todo processo.



Imagem 02 Engenho Pedro Osório.
Fonte: Marlise S. de Aguiar, 2005.

Imagem 03 Frigorífico Anglo.
Fonte: www.diariopopular.com.br/08_05_05/ag060501.html

Engenho Cel. Pedro Osório: A firma Pedro Osório & Cia, (dos sócios Pedro Luiz da Rocha Osório e Alberto R. Rosa) era proprietária de duas importantes charqueadas: a primeira em Pelotas e a segunda em Tupanciretã (município de Júlio de Castilhos) e de uma fábrica de sabão. Além disso, o Coronel Pedro Osório se interessava pela cultura do arroz, que realizava em cinco plantações. Sendo assim, instalou um grande engenho, perfeitamente aparelhado, cujo produto proporcionou-lhe uma fortuna considerável.

Frigorífico Anglo: Com o apoio do Governo do Estado, foi criado um frigorífico que, depois de passar por diversos proprietários, finalmente chegou às mãos da companhia inglesa. Em 1924, assume o nome Anglo S.A. Instalado muito próximo a uma área ainda não ocupada, o Frigorífico contribuiu para ocupar e ordenar aquele espaço que foi tomado, basicamente, por seus trabalhadores oriundos de outras cidades e da zona rural de Pelotas, necessitados de moradia próxima ao local de trabalho. As construções que ali se formavam eram de pouca qualidade (uma vez que os operários possuíam baixíssimo padrão de vida e dispunham de péssimas condições sanitárias) e não respeitavam as novas diretrizes, porém nada impediu que isso acontecesse. A empresa funcionou por quase meio século até fechar, em 1991, quando foi vendida para pagar suas dívidas de banco.

Reflexões Teóricas: Estes dois exemplos são resultantes de um processo que modificou a paisagem urbana e chegam a nós como presentificação do imaginário que formulava os elementos exigidos pela cidade moderna. As intervenções que sofreram no início da segunda metade do século XIX, diferente dos prédios da cidade que, sem nenhum pudor, ornamentaram-se com elementos clássicos, as moradas senhoriais da matança, receberam elementos da arquitetura urbana. Ao reaproveitar óculos, bandeiras e gradis reviveram, no neo-colonial, a arquitetura luso-brasileira.

A organização e distribuição dos espaços, por assim dizer, respeitava relações de poder vigentes, criava um modelo idealizado, elegia e classificava os lugares de acordo com uma visão, na maior parte das vezes, tendenciosa e elitista. Neste espaço, ainda hoje transparecem evidências do traçado original. Seus valores encontram-se exatamente nos contrastes existentes entre o lugar da matança e o centro urbano que transitam do padecimento ao bom gosto, do romantismo ao classicismo, da escravidão à erudição. A propósito, a importância desta área dá-se também pela simbolização da passagem da mão-de-obra escrava para a assalariada, da manufatura para a indústria.

Enquanto que no Canal São Gonçalo, a maioria dos estabelecimentos transformou-se em indústria, as demais charqueadas mantiveram a linguagem luso-brasileira ou a reforçaram apresentando o neocolonial. Em meados do século XX, sobretudo, as sedes localizadas no Arroio Pelotas passaram a ser moradias de verão e local de lazer e hoje se encontram tal e qual, abandonadas. Esta diferença dividiu a área da matança em dois territórios⁶, apropriados e edificadas com funções diferentes, que resultaram uma forma própria. Ou seja, dois processos econômicos e sociais muito claros delinearão-se e transformaram as condições particulares de existência.

Vale, portanto, estudar um pouco de Pierre Nora que disserta sobre os lugares de memória: “se habitássemos nossa memória não teríamos necessidade de consagrá-los”⁷. Os lugares não existiriam porque não haveria memória transportada pela história. Desde que haja distanciamento, não estamos mais dentro da verdadeira memória, e sim da história. Outro ponto que Nora suscita é que esse passado nunca é o mesmo uma vez que o deciframento do que somos se dá a partir que não somos mais. Esse distanciamento temporal faz com que as interpretações tomem inúmeros caminhos (complementares e, porém, muitas vezes diversos) ao longo dos anos.⁸

Segundo seus conceitos, esta área poderia ser tida como “lugar de memória” pois presentifica uma ausência, fazendo um elo até o presente. A memória é um fenômeno sempre atual enquanto que a história é uma representação quase sempre problemática do passado. A primeira instala a lembrança no sagrado, o que neste caso, também é a lembrança no profano (quando nos referimos ao sistema escravocrata), a segunda a liberta (quando consagra o

⁶ A margem do canal constitui não só um espaço, mas um território, porque é apropriada pelo social, e incorpora a idéia de subjetividade.

⁷ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. IN: Projeto História, 10, São Paulo, dez/1993, pg. 8.

⁸ NORA, Pierre. Op. cit.: pg. 20.

período pelos benefícios que a salga trouxe, como o poderio econômico). Assim como Halbwachs, Pierre acredita que a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Além de serem períodos distintos, os grupos possuíam funções sociais extremamente opostas. Sendo assim, se pudéssemos hoje questionar aqueles agentes, poderíamos constatar os diferentes pareceres sobre um mesmo tempo e espaço. Além do mais, mesmo que a memória se enraíze no concreto, no espaço, na imagem, não podemos desconsiderar as memórias individuais que a tornam suspeita pela história que tem como primeira reação, destruí-la. Cabe explicar que, infelizmente, por se tratar de uma pesquisa de longa duração (pois abarca três séculos mesmo que de maneira pontual, detendo-se em seus apogeus), não é possível coletar por completo esses testemunhos individuais. Sendo assim, é preciso deter-se nas fontes que possam levantar dados semelhantes e comparativos de todo período. O fato de estudar uma época não mais alcançável, concretamente falando, pelas limitações de um tempo escoado e, cujas testemunhas já não mais existem, ao mesmo tempo que limita algumas especulações, também abre um leque muito grande.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, ou seja, que é preciso criar arquivos. Se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não teria tampouco necessidade de construí-los. O objeto de que trato faz apelo a um registro da percepção e do conhecimento do mundo, algo da ordem da moral, dos valores e da ideologia. A arquitetura e o traçado de ruas são, sem dúvida, o registro físico deste lugar, mas também são modos de pensar, sem linguagem. Portanto, o espaço é portador de um significado, cuja expressão passa por outras formas de comunicação. Ora, a força de uma imagem se mede pelo seu poder de provocar uma reação, uma resposta. É, pois, na capacidade mobilizadora das imagens que se ancora a dimensão simbólica da arquitetura. Um monumento em si tem uma materialidade e uma historicidade de produção, sendo passível, portanto de datação e de classificação. O que interessa é a sua capacidade de evocar sentidos, vivências e valores que variam de acordo com cada cidadão. Como afirma Sandra Pesavento: “Entende-se por imaginário um sistema de sensibilidades, idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.”⁹

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do Urbano*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002, pg. 51.

E qual seria este imaginário coletivo que os pelotenses construíram para si? No tempo das charqueadas, valia a acumulação de capital, não importava método ou meio. E, de fato, muita riqueza se garantiu, num espaço macabro, fétido e pestilento. Imperavam vísceras, sangue, excrementos, ossos e animais pestíferos e ferozes. Reinava o mau cheiro. Ilhas de imundícies proliferavam nos terrenos encharcados da fabricação da carne salgada e de seus subprodutos. A população cativa vivia nessas condições ambientais, sob um regime carcerário e num ritmo de produção fabril. Já com a transformação econômica, passam a valer novos princípios como a qualidade de vida, a higiene, a educação e a ordem.

São discursos que bem representam os contrastes do imaginário coletivo e funcionam como índice social da valorização da cultura e do lazer. Evocam a memória e declinam o passado à sua maneira, migrando no tempo e no espaço. Servem também como acionadores de uma memória involuntária, basta se acrescentar os elementos não mais observáveis. Ao fazerem isso, as imagens e os discursos podem ser cada vez mais dotados de novos sentidos em função de conjunturas e composições locais diversas. O que antes era o meio de sobrevivência e, portanto, legítimo, agora passa a ser condenado e criticado pela sociedade. As representações do imaginário coletivo expressam as sensibilidades e as percepções das mudanças em curso e são capazes de resgatar e intuir certos traços eminentemente específicos de vivenciar o processo, mesmo que o momento induzisse uma lenta universalização na cultura. Isto é possível de identificar na adaptação do velho ao novo, cujo artifício foi a utilização da mesma estrutura, fez-se valer basicamente a mudança de uso e adaptações estritamente necessárias. Enquanto que em todo mundo se introduzia o uso do aço nas construções industriais, ali se adotava a concepção típica colonial, com referências da casa grande das fazendas, por exemplo.

O identitário sonhado pelas elites, que são os produtores deste espaço, veio a constituir um modelo que se multiplicou nas cidades vizinhas. Ocorreu a metáforização do social, processo que implica a desterritorialização/historicização de ações e discursos que, ao se deslocarem no tempo e no espaço assumiram novos significados. Mesmo que a região enfrentasse muitos problemas com a decadência do regime econômico, a nova ordem transmitia a idéia de progresso e o peso do simbólico se sobrepunha, então, sobre a realidade: o “parecer” tinha o efeito de “ser”. O objeto arquitetônico mudou de escala. Os prédios que anteriormente possuíam um pavimento, de três metros de altura, agora são galpões, de doze metros. As aberturas se multiplicaram e os acessos ficaram maiores, para receber as grandes

máquinas. A idéia estava consolidada: bastavam algumas obras e o espaço redesenhado apagou a cidade maldita. Tudo foi reorientado sob os princípios da moral, da estética, da higiene e das exigências da técnica moderna.

Surgiu então, o espaço como virtude, núcleo da cultura, do progresso econômico e social, símbolo da civilização e local privilegiado de realização do pensamento racional em todas as suas manifestações. A cidade foi representada com uma alta carga de positividade e configurou uma referência identitária muito forte, dotada do sentido e do simbólico, que oportunizou a sensação de pertencimento e, ao mesmo tempo, de alteridade.

Enfim, as transformações sócio-econômicas deixaram na cidade marcas e sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens que têm como significado o conjunto de valores, usos e hábitos, desejos e crenças que misturam, através do tempo, o cotidiano desses homens. Essa história contém um relato das formas de sentir, ver e sonhar a cidade, onde, como refere Guy Petidmange, a arquitetura joga o papel do subconsciente, expressando o “desejo coletivo inalcançável que se configura material e imediatamente”¹⁰.

Isto é, aquilo que foi idealizado um dia teve reflexo na estrutura do espaço, que mesmo com a limitação dos elementos rígidos, nos deixa transparecer. A potencialidade metafórica de transfiguração do real não apenas transmite as sensibilidades passadas do viver em sociedades como também nos revela os sonhos de uma comunidade, que projetou no espaço vivido as suas utopias. Assim, os relatos literários nos colocam diante das cenas urbanas que reconstituem uma possibilidade de existência do social, expressando as forças em luta e aquilo que se concretizou.

Considerações Finais: Essa leitura da cidade me pareceu relevante por trazer, para a superfície do debate sobre a história de Pelotas, a contribuição do cruzamento de dados completamente diferentes (como levantamentos econômicos, demográficos, tipológicos, de sistemas e técnicas construtivas, entre outros), porém complementares. Essas informações auxiliam na compreensão da cidade como um todo, dentro da complexidade da malha de relações estabelecidas entre o homem e a cidade. Essa pesquisa tem o propósito complementar, isto é: leva adiante o estudo de outros profissionais que se detiveram a analisar a problemática sob uma ótica específica, uma vez que pretende cruzar conclusões e questionamentos já levantados por alguns colegas.

¹⁰ PETITDEMANGE, Guy. Avant le monumental, les passages: Walter Benjamin. In: Baudrillard, Jean et al. Citoyenneté et urbanité. Paris: Esprit, 1990, pg. 73.

O progresso e a modernidade implicam em mudanças e isso nos traz dilemas como o que preservar, o que expor e o que esconder. Este “fetiche da mercadoria”, como diria Marx, é estabelecido conforme as decisões políticas de uma época. Isto nos traz uma importante reflexão: como foi selecionado o que se deveria lembrar ou esquecer? Uma vez feito o arquétipo da cidade “perfeita”, foi teoricamente fácil fazer essa separação do que é favorável ou não. Sem dúvida Pelotas teve a influência das cidades européias, sobretudo Paris, que já enfrentara este tipo de questionamento. Os herdeiros dos senhores donos de charqueadas que puderam estudar no exterior gradativamente foram implantando novas idéias e equiparando às principais cidades da época, como também o Rio de Janeiro.

Contudo, um outro processo se instala paralelamente. Esse movimento ameaça a memória a medida em que produz o esquecimento e destrói alguns significados ao substituí-los por outros. O resgate desse passado implica lidar com vários tempos e espaços, com o que já não mais se vê e o que ainda se vê. O tempo da cidade que se quer e o da cidade que se tem. Na verdade, hoje, se formos considerar aquelas quimeras do início da industrialização, muito também se perdeu. Os prédios característicos, adaptados sobre antigas estruturas, como o engenho e o frigorífico, foram deixados para trás, seus valores também se perderam.

Este é outro ponto que chama a atenção sobre a área: o que fez com que as lembranças acarretadas pelo espaço modificado fossem deixadas para trás? Ao longo de todos esses anos, o local adquiriu significado expressivo à comunidade logo, o que fez com que fossem criadas estratégias e práticas para o bem viver em outro lugar? Esses agentes ocuparam casas, locais de trabalho e transformaram seus bairros em seus lugares de participação. Enfim, construíram a cidade.

O tempo mais difícil é o do esquecimento, que finge não ter existido, soterrando as lembranças. Tratam-se então, de dois tempos que serão sobrepostos por este de agora, e por isso, cabe mais uma vez a seleção do que pode se perder e do que deve ficar, para que o resgate do passado obtenha resultados satisfatórios, que preencha as lacunas e os vazios.

Outro fator importante foi a tendência econômica. Primeiro porque encontramos aí uma dualidade, visto que ao mesmo tempo em que a urbe respirava modernidade, e que os prédios eram bem projetados e construídos, os trabalhadores se aglomeravam em sua volta e viviam em situação de miséria. Neste lugar de contrastes, vale a posterior realização de um estudo sobre como o imaginário se manifestou entre os excluídos, operários ou escravos, dentro desse mesmo enfoque, abordando as mesmas três etapas. Segundo porque este espaço

foi obrigado a entrar em confronto com os processos de enriquecimento e empobrecimento presentes na sociedade pelotense. E este foi o fenômeno mais marcante neste ambiente, pois suas maiores transformações ocorreram juntamente com as do sistema econômico.

Espaços portadores de história são propulsores de um turismo cultural já que podem corresponder a esta vontade crescente de realizar não só percursos no espaço como viagens imaginárias no tempo. Estes lugares são produtos vendáveis, num mercado em expansão e, portanto, não seria uma dificuldade fazer com que as coisas aconteçam na cidade de Pelotas, que carrega valiosas informações do passado, apoiada na nostalgia dos velhos prédios que se oferecerem à leitura.

Como diz o próprio Pierre Nora, o historiador é aquele que impede a história de ser somente história e este é o meu grande desafio. Tenho em mãos traços representantes de uma memória que precisa ser ressuscitada e, para isso, devo não me limitar à perspectiva desta ou daquela leitura. Da mesma forma, devo olhar à distância panorâmica o grande plano, com o estranhamento definitivo e a mudança do modo de percepção, que deve me reconduzir aos objetos tradicionais dos quais eu possa ter me desviado. Este trabalho tem como característica ser provisório e inacabado, não apenas pelas coisas que gostaria de ter feito e não foi possível, mas principalmente porque é um trabalho de interpretação do vivido e, sendo assim, abre muitas possibilidades, tanto para os sujeitos que nele atuaram, como para a pesquisadora e para os leitores.

Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Laura Novo de. *Patrimônio arquitetônico X qualidade visual do cenário urbano: um caso para avaliação de preferências em Pelotas/RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª ed. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2000.
- BRUGALLI, Tatiana Antoniazzi. *Revitalização da zona portuária de pelotas: Centro Comercial São Gonçalo & SESC Moinho*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990.
- CAMPELO, Glauco de Oliveira. *A serviço do Patrimônio 1994-1998*. Rio de Janeiro: Unidesign, 1999.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Quarteto, 2001.
- CHEVALLER, Ceres. *Arquitetura neoclássica, pelotas, RS: um estudo sobre Arquitetura Neoclássica de Pelotas na Obra de José Isella Merote*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CORSETTI, Berenice. *Estudo da Charqueada Escravista Gaúcha no século XIX*. Santa Maria: UFSM, 1983.

- CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas, espaço construído no início da República. IN: WEIMER, Günter. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- GIEDION, Siegfried. *Espace, temps, architecture*. Paris: Denöel, 1990. p.46. IN: Pesavento, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do Urbano*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- GUTIERREZ, Ester J. B. *Barro e sangue mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas [1777-1888]*. Pelotas: UFPEL, 2004.
- _____. *Negros, charqueadas e olarias um estudo sobre o espaço pelotense*. 2ª ed. Pelotas: UFPEL, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora dos Tribunais, 1990.
- MARX, Karl. *O capital : crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. IN: *Projeto História, 10*, São Paulo, dez/ 1993, pp. 7-28.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.
- _____. *República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos e criadores*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.
- PETITDEMANGE, Guy. Avant le monumental, les passages: Walter Benjamin. In: Baudrillard, Jean et al. *Citoyenneté et urbanité*. Paris: Esprit, 1990. IN: Pesavento, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do Urbano*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- QUERRIAN, Anne. Images et mémoires. *Les Annales de la Recherche Urbaine. Images et mémoire*. Paris, n.42, mars/avril. 1989. p.3.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. *A arquitetura das charqueadas desaparecidas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. *O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- SILVA, Neuza Regina Janque da. *Entre os valores do Patrão e os da Nação, como fica o operário?(O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)* Porto Alegre: 1999.